

O Orçamento de Estado para 2018 e o Sector Empresarial do Estado

No dia 27 de Novembro foi aprovado na Assembleia da República o Orçamento de Estado para 2018. É um Orçamento que reflecte a nova situação política criada após as eleições de Outubro de 2015: é um orçamento de um Governo PS (com a submissão aos critérios e opções impostas pelo grande capital que isso tem implicado) e é um Orçamento que reflecte a acção, proposta e luta do PCP e dos trabalhadores, materializada num conjunto de avanços.

Importa desde logo destacar que com este Orçamento de Estado **acaba a proibição de valorizações remuneratórias no Sector Empresarial do Estado (SEE)**, restrições que ficam limitada aos prémios de desempenho e afins (o que no caso da EPAL implica que vão continuar a tentar roubar a parte devida aos trabalhadores dos lucros da empresa). Mas **abre novas possibilidades** para o desenvolvimento da luta por aumentos salariais que possam impedir que os trabalhadores do SEE cheguem a 2019 com os salários de 2009. **E cria melhores condições para a necessária e urgente harmonização das relações laborais no seio da EPAL, com o acesso de todos os trabalhadores ao AE em vigor na empresa.**

É preciso valorizar ainda que, muito por força da acção do PCP, este Orçamento se traduzirá numa **recuperação de rendimentos para os trabalhadores do SEE**: porque também beneficiarão da **redução da carga fiscal** sobre **todos** os trabalhadores via IRS (apesar de ainda se estar longe de recuperar do saque fiscal imposto aos trabalhadores depois de 2011); porque em Janeiro de 2018, com a plena efectividade da contratação colectiva, passarão a receber **os restantes 50% de todas as diuturnidades, anuidades e progressões devidas**. Como a proposta apresentada pelo Governo incluía uma alínea (Artº 21º, alínea b) que congelava o subsídio de refeição, e essa alínea foi rejeitada por proposta do PCP, daqui resulta que as empresas não só **terão de pagar os aumentos do subsídio de refeição já negociados, como poderão ser negociados novos.**

Mas o Orçamento de Estado para 2018 continua a ter por base uma opção errada, resultante das imposições da União Europeia e da opção do PS de se submeter a estas: **as restrições à contratação de trabalhadores no Estado,**

uma opção que é responsável pela falta de resposta operacional de cada vez mais vertentes do sector público e da administração pública, uma opção promotora da precariedade, da subcontratação, da privatização e concessão de serviços. Mas por proposta directa do PCP e como resultado da luta dos trabalhadores, foi possível fazer aprovar um conjunto de alterações à proposta inicial do Orçamento de Estado, que vão permitir, pelo menos num conjunto de sectores, travar com sucesso a luta pela contratação dos trabalhadores em falta:

– Foi aprovada um artigo novo, apontando para a **«contratação de trabalhadores e suprimento das necessidades permanentes nos serviços públicos»** onde se aponta que **até 31 de Março** devem ser abertos os procedimentos concursais, «com carácter prioritário e sem prejuízo de outras medidas a tomar ou já em curso, nos vários setores e serviços da Administração Pública e Setor Empresarial do Estado, nomeadamente na saúde, na educação, nos transportes, na cultura, na justiça, nas forças e serviços de segurança, nas forças armadas, na Segurança Social e nas atividades inspetivas, incluindo a Autoridade para as Condições de Trabalho, e a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego».

– Foi aprovado um artigo específico sobre a **«Contratação de Trabalhadores no setor das águas, saneamento e resíduos sólidos urbanos»**, possibilitando «a contratação de trabalhadores por pessoas coletivas de direito público e empresas do setor empresarial local que gerem sistemas de titularidade municipal de abastecimento público de água, de saneamento de águas residuais urbanas ou de gestão de resíduos urbanos».

– Foram aprovados novos artigos que **asseguram a autonomia administrativa e financeira às empresas públicas na execução orçamental** relativamente à contratação de trabalhadores, outras despesas correntes e na execução orçamental relativa ao investimento, procurando-se não só salvaguardar a autonomia administrativa e financeira das empresas públicas, mas, sobretudo, eliminar impedimentos e bloqueios que muitas vezes impedem a execução das próprias rubricas orçamentais.

O PCP, consciente de que este não é o Orçamento necessário ao país e à política alternativa que se impõe, **votou a favor do Orçamento de Estado**. Por considerar que ele incorpora importantes avanços resultantes da proposta do PCP e da luta dos trabalhadores. E por considerar igualmente que ele cria as condições para, **através da luta, da proposta e da acção organizada**, os trabalhadores conseguirem durante o ano de 2018 satisfazer muitas das suas mais justas reivindicações, como seja, no caso da EPAL, o fim do congelamento salarial e a integração de todos os trabalhadores no AE em vigor. **Podem continuar a contar com o PCP!**

28 Novembro 2017